

Luisa Fernando Silva é voluntário dos programas socioeducativos da EJE-RJ

“Sempre aprendemos com os jovens”

Com licenciatura plena em História e cursando Especialização em Politica, Luis Fernando Silva, 53 anos, preferiu seguir carreira no Judiciário eleitoral, opção que o fez ignorar a convocação para tomar posse na Justiça trabalhista. Chegou a ceder a pressão dos amigos e cursou um período de Direito. “Diziam que seria melhor para a minha carreira”, recorda. Entretanto, ele gosta mesmo é de contar a própria história a partir de eventos políticos marcantes. “O fim de minha adolescência coincidiu com o período final da ditadura, tempo de um Presidente que preferia o cheiro de cavalo ao cheiro do povo”, brinca. “Fui presidente de centro cívico e não entendia porque não podíamos ser grêmio”, relembra.

Há dois anos como participante do programa de voluntariado dos programas socioeducativos da EJE-RJ, Luiz Fernando estudou História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, numa época política efervescente, 1980, ano da fundação de partidos como PT e PSDB. “Havia contato frequente com Franco Montoro, José Dirceu, Erundina e Suplicy. Tinha um clima de politização no campus, diz. Nessa época, ele teve também o primeiro contato com a sala de aula. “Naquele tempo, um amigo do curso de História assumiu cargo num partido e passou as aulas dele do nível médio para mim. Foram dois anos que lembro com paixão”, afirma o servidor, que chefiava também um Cartório na Capital paulista, quando descobriu a vocação para lecionar.

Luiz Fernando resume o sentido de levar às escolas o debate sobre a importância da participação política. “Estar entre os jovens, discutir francamente com eles os processos sociais de inclusão social, a cidadania, as mudanças e permanências possíveis pela ação política, tudo isso me realiza”, diz o servidor, que também trabalhou no TRE do Maranhão, onde também participava como voluntário dos projetos socioeducativos do Tribunal.

“Fiquei lá dois anos, dei cerca de 20 a 25 palestras”, diz. “O melhor é lembrar que vamos ensinar, mas sempre aprendemos algo com os jovens. É preciso estar aberto à possibilidade de também aprender, quando entramos numa sala de aula”, ensina o experiente professor e voluntário, que fala à Revista Justiça Eleitoral em Debate sobre a experiência dele nos projetos socioeducativos da Escola Judiciária Eleitoral (EJE-RJ) desenvolvidos nas escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro.

RJED - Por que você decidiu colaborar como voluntário com os programas socioeducativos do TRE-RJ?

Luis Fernando Silva - Tenho licenciatura plena em História, é minha formação acadêmica, dei aula um tempo e o retorno pessoal foi em acordo, até mais, do que pensava.

Há uma questão na nossa cultura, onde o jovem tem consciência que deverá fazer o alistamento militar; mas raro o jovem que saiba do alistamento eleitoral, ainda que obrigatório.

Creio fundamentalmente caber a nós corrigir isto.

RJED - Então você fez uma escolha existencial e política ao ser professor e ao aderir às ações socioeducativas do Tribunal como voluntariado?

Luis Fernando Silva - Baumann dizia que uma democracia só se efetiva enquanto tal se tiver um processo permanente de autocrítica, o tempo todo se questionar se está sendo democrática.

Somos agentes dela no cotidiano, onde a Justiça Eleitoral tem transparência em seus processos, procedimentos todos e, cada qual em seu afazer, constitui a narrativa deste discurso. A urna eletrônica, em exemplo, é nosso cartão de visita, seu manuseio é básico entendo como dever/obrigação nossa, seus agentes, por espírito de corpo, não confundir com corporativismo, zelarmos por sua guarda, manutenção, inovação, demonstração, educação e uso.

RJED - Em todo mundo democrático há uma valorização do voluntariado em geral. Qual a sua opinião? Existe essa relação entre voluntariado, cidadania e democracia?

Luis Fernando Silva - A política europeia de voluntariado não me parece em si xenófoba, e a experiência no exterior, nesse exterior que, queiramos ou não, enseja ser nossa matriz cultural, proporciona o plural, a inclusão nas potencialidades do outro, o perceber o outro, sua alteridade já é passo para cidadania, como apontado pelo filósofo Todorov.

No entanto, a experiência poderá ofertar encontro com xenófobos - será vivência, a partir da qual, depurada, poderá permitir comportamento futuro inverso. Processo sim, democrático. Há, por exemplo, o Programa de Voluntário da ONU, que oferece ajuda de custo, dura até um ano e oferece vivência em

proteção ao meio ambiente, proteção de direitos humanos, promoção de igualdade de gênero.

Momentânea e excludente, há, circunstancialmente, a proibição de entrada de brasileiro nos EUA - o que plausível no Estado de Exceção presente nestes tempos de pandemia, que torna a medida compreensível. Aqui posta para ilustrar, medidas de exceção não se tornem norma, sob pena de banimento de políticas de aprendizado-convivência, como o voluntariado.

RJED - Há um debate atual, sobre a formação dos jovens pós-modernos, marcada por valores do individualismo empreendedor, que gerencia a própria vida como uma empresa e mede sucesso e felicidade pelas métricas do alto desempenho. Essa nova individualidade aparece também no jovem assistido pelos programas socioeducativos?

Luis Fernando Silva - Majoritariamente visitamos escolas nas periferias. Há forte presença de juventude pentecostalista, onde a trilogia produzir, consumir e enriquecer está em corações e mentes, com jovens acreditando que o seu espaço de conquista seja de orientação meritocrática. Lembramos que estamos na quarta etapa da Revolução Industrial, onde máquina produz máquina, e o desemprego se apresenta, sem pudores.

É tema delicado, verifica-se aumento nas taxas de suicídio e alcoolismo entre jovens. Há entre nós, palestrantes, o costume do pré-contato com as escolas, onde tiramos a faixa etária, localização da escola e se querem que encaminhemos alguma abordagem em andamento por professor da escola.

Se em escola particular, sempre percorro o ambiente da escola, busco o que ela oferta e aí acho o diferencial com a escola pública.

Eu comento isso com os alunos, a situação privilegiada deles, que tenham consciência dela. Sim, há a subjetividade no ambiente, no bairro, e, entendo se exija cuidado maior com a faixa etária.

Há aí diferentes abordagens, respeitando a faixa etária.

RJED - Questões relacionadas à intimidade e privacidade aparecem também nessas interações com os jovens? Ideologia de gênero, abstenção sexual dos jovens, uso de drogas ilícitas, violência doméstica, esses temas são problematizados pelos jovens?

Luis Fernando Silva - Somos visitantes, há brevidade de tempo em visita única, cuja presença ilustre se dá na demonstração da urna eletrônica. Transpasso, no possível, violência doméstica, Feminicídio e questões de gênero, sempre evocando o que seja uma democracia plural e com cidadania plena.

RJED - Quando você aderiu ao programa como voluntário, qual a expectativas sobre os conhecimentos que você deveria se esforçar por dominar? Basta ensinar o respeito e compreensão das leis, base do exercício da cidadania?

Luis Fernando Silva - A Escola oferta ao palestrante sejam utilizados slides, o que acaba conduzindo a fala, quando exibidos. Prefiro a fala, olho no olho, provocando diálogo. Procuro sempre jeito e formas novas de instigá-los a compreender, é fundamental ouvi-los. Já aconteceu de que eu explicasse que somos uma sociedade contratualista da forma mais lúdica possível: em determina palestra, interrompi minha fala, disse que estava com a garganta seca, e queria a permissão deles para parar por 15 minutos, ir tomar uma cerveja, e retornar. Pedia que eles se manifestassem.

Claro, não fui tomar a cerveja - não naquela hora, mas das respostas extraídas os fiz ver como o tempo todo fazemos acordos, o quanto somos uma sociedade contratualista, cujo contrato que vivemos é o social, com a Constituição sendo sempre nossa base.

RJED - Um dos princípios pedagógicos fundamentais é o estímulo a compreender os fatos históricos por uma pluralidade de pontos de vista. Como você vê essa questão? Os treinamentos oferecidos pela EJE-RJ abordam esse desafio? Esse é mesmo um cuidado que os voluntários devem ter?

Luis Fernando Silva - Todo ano temos uma reunião com o corpo diretivo da Escola, onde abordadas didáticas diversas.

Já recebi orientação, e posteriormente a percebi válida, em, por exemplo, ao mostrar a evolução social e política da mulher, exemplificar com deputadas, sendo uma da chamada "esquerda", outra de "direita". Então, sim, embora visitantes, passaremos um tempo na escola onde o respeito nosso ao ambiente visitado é fundamental tenhamos uma boa condição de aproveitamento didático.